



## Uma antropóloga e sua trajetória geográfica – entrevista com a professora Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro

Beatriz Magalhães  

### Destaques

- O pensamento antropológico e a Geografia.
- A prática acadêmica e os movimentos sociais.
- Cultura e Natureza na abordagem multidisciplinar.
- O trabalho de campo como diálogo de saberes.

**Resumo:** Este texto apresenta uma entrevista com a antropóloga e historiadora Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro realizada, em junho de 2023, em São Paulo. A entrevista foi estruturada a partir de três aspectos ligados a professora Bernadete – sua trajetória de vida pessoal; seu ingresso na vida acadêmica; e sua vida profissional, principalmente, no que tange à sua trajetória na Geografia da Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, campus Rio Claro. Quanto aos temas abordados, destacam-se: antropologia e geografia, formação de professores, formação social do Brasil e movimentos sociais brasileiros. Nele, há um breve currículo da professora e a entrevista realizada em sua íntegra, considerando sua relevância para a Antropologia e a Geografia brasileira.

**Palavras-chave:** Pensamento antropológico; patrimônio; memória; formação de professores; movimentos sociais.



## AN ANTHROPOLOGIST AND HER GEOGRAPHICAL TRAJECTORY – INTERVIEW WITH PROFESSOR BERNADETE APARECIDA CAPRIOGLIO DE CASTRO

**Abstract:** This text presents an interview with the anthropologist and historian Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro, held in June 2023 in São Paulo. The interview was structured based on three aspects related to Professor Bernadete – her personal life trajectory; their entry into academic life; and her professional life, mainly regarding his career in Geography at São Paulo State University, Institute of Geosciences and Exact Sciences, Rio Claro. As for the themes approached, the following stand out: anthropology and geography, teacher training, social formation in Brazil and Brazilian social movements. In it, there is a brief resume of the teacher and the interview carried out in its entirety, considering its relevance to Brazilian Anthropology and Geography.

**Keywords:** Anthropological thought; heritage; memory; teacher training; social movements.

## UNA ANTROPÓLOGA Y SU TRAYECTORIA GEOGRÁFICA – ENTREVISTA A LA PROFESORA BERNADETE APARECIDA CAPRIOGLIO DE CASTRO

**Resumen:** Este texto presenta una entrevista con la antropóloga e historiadora Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro, realizada en junio de 2023 en São Paulo. La entrevista se estructuró en base a tres aspectos relacionados con la profesora Bernadete – su trayectoria personal de vida; su ingreso a la vida académica; y su vida profesional, principalmente en lo que se refiere a su trayectoria en Geografía en la Universidad Estadual Paulista, Instituto de Geociencias y Ciencias Exactas, campus Rio Claro. En cuanto a los temas abordados, se destacan: antropología y geografía, formación docente, formación social en Brasil y movimientos sociales brasileños. En él, hay un breve resumen del profesor y la entrevista realizada en su totalidad, considerando su relevancia para la Antropología y la Geografía brasileñas.

**Palabras clave:** Pensamiento antropológico; patrimonio; memoria; formación de profesores; movimientos sociales.

### **Sobre a entrevistadora e quem fez a transcrição (Beatriz Magalhães)**

Graduada em Geografia (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Rio Claro. Integrante do Grupo de Pesquisa CNPq "Cidades e Patrimonialização na América Latina e Caribe", coordenado pelo Professor Dr. Everaldo Batista da Costa e do grupo de pesquisa do CNPq "Patrimônio, Memória e Território", coordenado pela Profa. Dra. Bernadete de Castro. Esteve, em 2020, como pesquisadora visitante na Faculdade de Geografia da Universidade de Havana, em Cuba. Atua na edição e produção de materiais didáticos para o ensino de geografia. Realiza pesquisas na Geografia com ênfase em cultura afro-brasileira, memória-patrimônio cultural, território e práticas religiosas; e políticas públicas.

### **Sobre a entrevistada (Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro)**

Professora aposentada de Antropologia na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/IGCE - campus de Rio Claro. Graduada em Ciências Sociais, com mestrado (1991) e doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo (1998). Licenciada em História - Faculdades Associadas do Ipiranga (1987). Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia/UNESP/IGCE - Rio Claro. Pesquisadora e orientadora acadêmica dentro da temática Patrimônio Cultural, Memória e Território abordando: campesinato e território; patrimônio cultural e políticas públicas; territórios étnicos; dinâmicas territoriais e processos culturais. Coordenou o Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa sobre Patrimônio, Memória e Território/DEPLAN/IGCE-UNESP (2012-2016). Atualmente é líder do Grupo de Pesquisa Patrimônio, Memória e Território/CNPq e segundo líder do Grupo de Pesquisa Cidades e Patrimonialização na América Latina e Caribe - GECIPA. Membro do Conselho Superior do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro-SP. Foi docente e pesquisadora da Cátedra UNESCO-UNESP de Educação no Campo e Desenvolvimento Territorial e Vice Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia/UNESP-RC. Orientou,

especificamente, mais de 30 pesquisas acadêmicas na pós graduação e totaliza mais de 150 orientações pela UNESP/RC.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS DA ENTREVISTA**

Em um final de tarde, no dia 22 de junho de 2023, marcado pelo início do inverno em São Paulo, tivemos o prazer de entrevistar a Professora Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro. A entrevista se deu em sua residência, localizada no bairro do Butantã, na cidade de São Paulo. Durante mais de uma hora, em meio ao seu escritório - com suas estantes de livros, mesa repleta de papéis e artes brasileiras presentes nos quatros cantos do espaço - conversamos. Apresentamos aqui, essa conversa materializada em uma entrevista vigorante e valiosa.

Com muita humildade, ética, olhar multidisciplinar e crítico e bom humor a professora Bernadete respondeu perguntas ligadas a três aspectos: sua trajetória da vida pessoal; seu ingresso na vida acadêmica; e sua vida profissional, principalmente, no que tange à sua trajetória na Geografia da Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro.

Em relação aos aspectos técnicos da entrevista, ela foi gravada através de um *Sony* Gravador de voz digital ICD-PX240, e sua transcrição correspondeu fielmente a ordem das questões e respostas apresentadas no dia da entrevista. Ressaltamos que na transcrição da entrevista foram retirados somente os vícios de linguagens reproduzidos na língua portuguesa falada. Ainda, se optou por apresentar, através das notas de rodapés, uma pequena descrição profissional de cada pessoa citada na entrevista, bem como o significado, na primeira vez, em que uma sigla foi citada. Além disso, se usou colchetes para incluir palavras dentro de uma citação que não fazem originalmente parte dela e na formatação itálico, palavras contendo estrangeirismos tal como títulos de obras citadas. O uso das aspas se dera a partir de marcações produzidas pela professora durante sua fala. A figura 1 que acompanha o arquivo foi feita no dia da entrevista.

Por fim, esperamos que essa entrevista possa inspirar e provocar geógrafas, geógrafos e demais leitores, assim como se tornar um importante documento histórico de uma parte da formação histórica do tradicional curso de

Geografia da Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro e do pensamento social brasileiro.

**Figura 1** - Foto da Professora Bernadete Aparecida Caprioglio de Castro, feita no dia da entrevista



Fonte: a autora.

**Entrevistadora:** *Boa tarde, Professora Bernadete. De antemão, agradeço a sua disponibilidade de estar concedendo essa entrevista. Então, eu queria primeiro que a senhora falasse um pouco da sua origem familiar.*

**Bernadete de Castro:** Boa tarde. Falar um pouco da origem familiar da gente fica faltando coisas, mas o que eu poderia dizer - eu nasci em 17 de fevereiro de 1954, numa família de classe média, bem simples, na cidade de Porto Ferreira, estado de São Paulo. Sou filha de funcionário Público Federal, papai, Sebastião de Castro, também originário do interior de uma cidade vizinha, Pirassununga; e a mamãe, Reny Caprioglio de Castro, nascida em Porto Ferreira. Tenho uma filha,

Úrsula Castro de Oliveira<sup>1</sup> e um filho, Emiliano Castro de Oliveira<sup>2</sup>. Fui casada com o geógrafo Ariovaldo Umbelino de Oliveira<sup>3</sup>. Posso dizer que fui muito feliz na minha infância, por ter sido criada em uma cidade pequena do interior, uma cidade de beira de rio, onde eu podia ter amigos na rua, sair para brincar no jardim. Uma infância em que pude entrar em contato e conhecer muitas coisas que me marcaram e, talvez, me influenciaram, mais tarde, na vida e na carreira acadêmica.

Por exemplo, sempre gostei muito de saber das coisas e procurava conversar com as pessoas, não só crianças, mas idosos. Eu, muitas vezes, me peguei, ainda quando criança, correndo atrás de pessoas idosas para conversar com eles [risos]. Muitas vezes, eles se assustavam porque os chamava para chegar até em casa [risos]. A mamãe não sabia o que fazer comigo. Um dia eu apareci com um casal de idosos em casa que estava passando na rua e eu comecei a perguntar sobre a vida deles, de certa maneira incomodava, mas isso, na verdade, era uma coisa muito espontânea e só vim descobrir muito mais tarde o que isso significava.

**Entrevistadora:** *E a senhora é filha única?*

**Bernadete de Castro:** Não, quando nasci, depois de quatro anos, nasceu a minha irmã a Beatriz<sup>4</sup>, ela também nasceu no interior. Eu vivi em Porto Ferreira até os 15 anos de idade e minha irmã por menos tempo, porque logo saímos e nos mudamos para Jundiaí (1969). Mas ainda em Porto Ferreira, eu cursei a escola primária, mista, no Grupo Escolar Sud Mennucci, e depois concluí o ginásio no Washington Luiz, uma escola estadual. Aliás, sempre estudei em escolas públicas e isso trouxe para mim uma interação muito grande em meio à diversidade de colegas. No meu caso, em Porto Ferreira, podia ter aproximação desde a filha do

---

<sup>1</sup> Farmacêutica, pesquisadora acadêmica e integra o setor de Pesquisa e Desenvolvimento - Desenvolvimento Analítico da Fundação Butantan.

<sup>2</sup> Geólogo e Professor do Departamento de Ciências do Mar da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista.

<sup>3</sup> Geógrafo e Professor Titular no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>4</sup> Professora de física, graduada no curso de física do IGCE/UNESP de Rio Claro, atuou na divulgação científica e formação de professores no ensino de ciências na Estação Ciência da Universidade de São Paulo e trabalhou na Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da mesma Universidade, hoje se encontra aposentada.

prefeito até filhos do pessoal que morava nos sítios, ou que eram simples funcionários urbanos, então isso me facilitava muito conhecer as pessoas, interagir com elas e enxergar o valor de cada uma.

**Entrevistadora:** *Como foi essa mudança de Jundiaí para terminar seus estudos em São Paulo? E depois como foi começar os estudos na Universidade de São Paulo?*

**Bernadete de Castro:** Na verdade, mudamos de Porto Ferreira porque o papai foi transferido para Campinas na Receita Federal, e optamos por morar em Jundiaí que era mais tranquilo; foi onde comecei o curso colegial. Já nessa época, eu me interessava muito não só pela área das humanas, como eu gostava muito da área de ciências biológicas. Eu sou uma bióloga frustrada [risos], inicialmente eu queria muito fazer biologia, porque eu tinha uma empatia muito grande com a própria natureza, com o mundo não humano, então isso já me trazia um interesse muito grande. Em Jundiaí concluí o primeiro e segundo ano do colegial. Depois tive uma bolsa de estudos no Colégio Equipe em São Paulo, a qual me proporcionou terminar o colegial e me preparar para o vestibular.

**Entrevistadora:** *Como era a formação e a proposta pedagógica do Colégio Equipe?*

**Bernadete de Castro:** Bom, o colégio equipe tinha uma proposta de ensino que não era apenas conhecimento científico “neutro”, pois isso não existe, propunha formação crítica, lutando pela volta da democracia, em pleno regime militar. O Equipe tinha uma visão bastante aberta para conhecimento e artes, o que reunia pessoas de vários níveis sociais e que na verdade foi o que me motivou cursar ciências sociais. Por exemplo, Serginho Groisman<sup>5</sup> era, na minha época, professor de redação e trabalhou um tempo no colégio Equipe. Enfim, tive a oportunidade de conhecer várias pessoas que me inspiraram muito.

**Entrevistadora:** *E quando você entrou na USP, como foram os seus primeiros anos na graduação? Como foi sua formação na FFLCH/USP?*

---

<sup>5</sup> Jornalista e apresentador de televisão brasileira.

**Bernadete de Castro:** Na verdade, quando prestei o vestibular, eu prestei em Ciências Sociais na FFLCH, USP<sup>6</sup> e História na PUC-SP<sup>7</sup>. Claro que sendo aprovada nas duas eu escolhi a universidade pública, por questão financeira mesmo. E, naquele momento, no curso de Ciências Sociais, enfrentamos um período difícil. A década de 70 não foi fácil na própria Universidade. Eu entrei na USP em 1973, cursei a graduação de 1973 a 1978 e, foi exatamente o período final da ditadura, em que tive um impacto muito grande em saber de colegas que estavam desaparecidos, aqueles que você via algumas vezes e depois nunca mais encontrava. A USP era vigiada por agentes de segurança da ditadura, foi um período muito tenso. Em compensação eu tive a oportunidade de conhecer muitos professores e professoras que ainda estavam lá, que não haviam saído, nem se aposentado, nem exilados. De certa maneira, isso contribuiu muito para a minha formação.

Desde o início no curso, fiz a opção por Ciências Sociais justamente por ela oferecer essa formação mais ampla - de sociologia, política e antropologia - e dentro do qual eu também tive a liberdade de montar o meu currículo. Então eu pude fazer muitas disciplinas na História e na Geografia, e isso me deu uma visão multidisciplinar, não só no campo teórico-metodológico, mas da prática que podia ter como pesquisadora.

**Entrevistadora:** *Pra além da sala de aula, quais projetos a senhora participava dentro da USP?*

**Bernadete de Castro:** Como era um período de muita repressão, algumas atividades e debates aconteciam dentro da universidade, nos centros acadêmicos. Logo que entrei em 73, me marcou muito os debates realizados pelo Grupo de Teatro das Ciências Sociais, coordenado por Tin Urbinatti<sup>8</sup>, que partia das discussões teóricas para a crítica social, dentro e fora da universidade, no meio operário e sindical. O movimento estudantil era muito ativo, protestos e passeatas

---

<sup>6</sup> Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>7</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<sup>8</sup> Exerceu militância política junto ao movimento estudantil da USP. Ator, roteirista, dramaturgo e sociólogo.

faziam parte do ambiente universitário. Nesse período se discutia com o Diretor<sup>9</sup> da FFLCH as questões ligadas aos cursos, à universidade, e isso facilitava muito o engajamento nosso na política universitária. Eu fui aluna de sociologia de Heloísa Fernandes<sup>10</sup> e também aluna de José de Souza Martins<sup>11</sup> e Renato da Silva Queiroz<sup>12</sup>. Outra coisa que lembrei é que durante a graduação, por exemplo, a questão da Petrobrás continuava em destaque, por exemplo - esse grupo de teatro que citei, o Grupo de Teatro das Ciências Sociais - fazia grande crítica no sentido dos contratos que eram feitos, impondo ao governo brasileiro a subordinação ao interesse externo sobre o petróleo. Então veja, não é nova a questão de tentar fazer da Petrobrás patrimônio nacional.

**Entrevistadora:** *Depois de se tornar cientista social, a senhora vai para a escola pública. Comente um pouco, por favor, como foi o processo de ser professora no ensino básico?*

**Bernadete de Castro:** Então, terminando a graduação, sempre me interessei e uma coisa que eu sempre gostei é realmente trabalhar com a educação. Com isso, logo no final da graduação, comecei a procurar algumas escolas como substituta, - que hoje se chama de eventual. É importante comentar que, naquela época, por ter feito várias disciplinas na História e na própria Geografia, o MEC<sup>13</sup> nos liberava uma carteirinha indicando a área que você poderia lecionar. No meu caso, eu poderia lecionar na história, no ensino fundamental II e no ensino médio, e também lecionar na geografia humana no ensino fundamental II. Com isso, fui atrás das escolas e naquele período se fazia as inscrições na própria unidade escolar, tendo a entrevista com o próprio diretor, e aí comecei a trabalhar dando aula como eventual até poder prestar o concurso um pouco mais tarde, em 1986.

---

<sup>9</sup> Professor Dr. Eurípedes Simões de Paula.

<sup>10</sup> Socióloga e Professora aposentada do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Filha do sociólogo Florestan Fernandes, em 2005, atuou na organização e estruturação da escola Florestan Fernandes a convite do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

<sup>11</sup> Sociólogo e Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>12</sup> Antropólogo e Professor Titular do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>13</sup> Ministério da Educação.

**Entrevistadora:** *E quanto tempo a senhora ficou na escola pública?*

**Bernadete de Castro:** Eu fiquei na escola pública durante 15 anos corridos, na rede estadual. Fiquei dois anos na prefeitura na gestão Luiza Erundina [1989-1992, em São Paulo]. Quando o Paulo Maluf entrou [na prefeitura de São Paulo de 1993-1997], me exonerei e fiquei só na escola estadual.

**Entrevistadora:** *Conte um pouco como foi o seu mestrado. Digo, qual foi o tema de pesquisa, os trabalhos de campos, como a senhora escolheu sua orientadora? Como se dava essa vivência?*

**Bernadete de Castro:** Bom, como eu estava na escola pública e isso me envolveu bastante, dei aula em vários colégios até prestar o concurso e ser lotada em Osasco, depois voltei aqui para a região do Butantã e fiquei em torno de sete anos afastada da Universidade. Também dei aula na Universidade 9 de julho, onde eu trabalhei por dois anos. Mas o que me motivou bastante voltar para a pós-graduação foi justamente o período de 1986 a 1987. Nesse período, quando eu e o Ariovaldo, estávamos casados, ele [Ariovaldo] foi convidado pela Universidade Federal do Mato Grosso para ser professor visitante e ficamos um tempo lá e que foi uma experiência muito feliz. Essa vivência em Mato Grosso - em que ele estava fazendo a livre docência - aproveitamos em conjunto para fazer toda uma caminhada pelo estado de Mato Grosso. Foi assim, conhecendo várias áreas de colonização e expansão agropecuária, foi que me aproximei da região de Cáceres, e conheci uma área de conflito de terra, a fazenda Mirassolzinho, no município de Jauru, ocupada por posseiros. A gente ficou conhecendo essa área e comecei a conversar, a me comunicar com essa comunidade. Inclusive foi a partir do diálogo com esses posseiros que resolvi pensar e montar o meu projeto de mestrado<sup>14</sup> e apresentei na Universidade de São Paulo, no departamento de Antropologia.

Por uma sugestão feliz, do meu grande mestre José de Souza Martins, ele disse - olha talvez pelo perfil e pela interdisciplinaridade, eu não estou mais orientando, mas eu sugeriria que você fosse para antropologia. Aí na antropologia

---

<sup>14</sup> OLIVEIRA, B. A. C. de C. **Os Posseiros da Mirassolzinho - Jaurú/ MT.** 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

tinha uma ex-orientanda dele que era a professora Maria Margarida Moura<sup>15</sup>. Ela trabalhava na linha de Antropologia Rural, com isso, fui ser sabatinada por uma banca examinadora para fazer a seleção para o mestrado, e passei no processo seletivo.

**Entrevistadora:** *E o processo seletivo, como foi?*

**Bernadete de Castro:** Era uma banca composta por cinco professores que faziam a arguição, analisavam o projeto e, já era um projeto que eu elaborei na linha da antropologia rural. E aí, como eu fiquei muito tempo afastada da Universidade, me sugeriram fazer algumas adaptações, cursando disciplinas. Eram disciplinas que eu não tinha cursado na graduação, o que foi excelente, porque pude me aproximar da professora Liana Trindade<sup>16</sup>, que trabalhava com antropologia e imaginário e também da professora Aracy Lopes da Silva<sup>17</sup> que mais tarde se tornou um ídolo [risos] para mim, não só quanto à questão indígena – cultura Xavante, MT - mas como pesquisadora e docente, na própria forma de se conduzir dentro da academia.

Em relação ao tema da minha pesquisa de mestrado era justamente fazer um histórico e relatar o conflito de terras na região da grande Cáceres, no Mato Grosso. Foi onde eu pude acompanhar esses posseiros que ocuparam uma fazenda, a Mirassolzinho, e fazer um estudo sobre essa ocupação, na verdade, o êxito que eles tiveram na luta pela terra. Naquele período, a gente teve uma aproximação muito grande com a CPT<sup>18</sup> e o CIMI<sup>19</sup>. O MST<sup>20</sup> ainda estava se constituindo, não tinha chegado ao Mato Grosso. A partir daí, conhecendo aquela região no período do mestrado, conheci também dois municípios com grande população vinda do estado de São Paulo: Mirassol d'Oeste e São José dos Quatros

---

<sup>15</sup> Antropóloga e Professora livre-docente no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>16</sup> Antropóloga e Professora Titular aposentada do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>17</sup> Foi uma antropóloga e Professora Titular do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

<sup>18</sup> Comissão Pastoral da Terra.

<sup>19</sup> Conselho Indigenista Missionário.

<sup>20</sup> Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Marcos. Foi exatamente a área na qual eu fui desenvolver a pesquisa do <sup>21</sup>doutorado.

**Entrevistadora:** *E no doutorado, qual foi a sua temática?*

**Bernadete de Castro:** Como eu conheci esses dois municípios com a maioria de famílias paulistas e mineiras que tinham migrados para aquela região, eu pude nas entrevistas do trabalho de campo, abrir cada vez mais o horizonte para entender essa migração. Foi uma migração que tem relação com a expropriação de populações camponesas do noroeste paulista para o Mato Grosso em busca de terra. Foi um movimento camponês do noroeste paulista que teve início nos anos 50/60. Eram pequenos arrendatários que trabalhavam em fazendas de café, algodão, cujas terras estavam sendo transformadas em pastagens. Depois do pasto formado, esses arrendatários eram expulsos da terra, sem que fossem cumpridos os contratos de arrendamento, sem seus direitos garantidos. Juntamente com meeiros e parceiros, os arrendatários se organizaram em um movimento que ficou conhecido como Revolta do Arranca Capim. Também com participação do Partido Comunista Brasileiro. Durante a ditadura militar, muitos camponeses e as lideranças do movimento continuaram a ser presos, sendo julgados como ameaça à segurança nacional. Há boa literatura sobre isso nas ciências sociais.

E foi interessante porque o meu tema, na verdade, teve o foco voltado para esse contexto, mas o objetivo principal estava na trajetória dessa população que vinha de várias cidades do noroeste paulista, principalmente da região de Jales, Santa Fé do Sul, para o Mato Grosso, região de Cáceres. A pesquisa bibliográfica me trouxe a participação de Aparecido Galdino Jacinto, o Aparecidão. Foi liderança nesse movimento camponês, e conhecido como “profeta das águas”, pela luta contra a construção da usina hidrelétrica de Ilha Solteira – as águas inundaram a cidade de Rubinéia, onde Aparecidão tinha sua casa de oração e benzimento. Foi preso pelo regime militar.

---

<sup>21</sup> OLIVEIRA, B. A. C. de C. **Tempo de travessia, tempo de recriação: profecia e trajetória camponesa.** 1998. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Aparecidão era boiadeiro, um homem do sertão paulista, benzia pessoas e animais, aconselhava e fazia previsões. Muitos, antes de partirem para o Mato Grosso, recebiam sua bênçãos. E isso me interessou muito, porque unia religiosidade e questões de cunho sócio-político - uma ligação com o movimento histórico de muitos povos na caminhada em busca da terra prometida. Então aí eu fiz um trabalho tentando ligar um pouco essas coisas. O Aparecidão estava vivo quando voltei, nos anos 90, para Santa Fé do Sul e consegui entrevistá-lo. Ele já era um senhor de quase 80 anos casado com uma mulher mais jovem e tinha na época, seis filhos.

Quando eu fazia perguntas, ele respondia através de parábolas, por exemplo, que ele previa que a população migrante para o Mato Grosso, após atravessar dois grandes rios, conseguiria encontrar a terra prometida. Então, o que a gente tentava entender era justamente até que ponto essa parábola, sociologicamente e antropologicamente, tinha de concretude. Então foi o que eu até chamei, na minha pesquisa, de “tempo de travessia e tempo de recriação” - que é essa trajetória do campesinato em sua luta histórica para a conquista da terra.

**Entrevistadora:** *Aproveitando que a senhora já falou um pouco do seu trabalho de campo, queria que a senhora falasse um pouco de algumas curiosidades. Como era fazer trabalho de campo nessa época? Como, por exemplo, era chegar até o lugar? Como eram as estradas? Como se dava essa experiência e vivência do trabalho de campo nos anos 1980 e 1990?*

**Bernadete de Castro:** Bom, quando comecei no mestrado e no doutorado também, eu consegui afastamento da escola pública e aí pude ter uma bolsa na universidade advinda da CAPES<sup>22</sup> pra desenvolver essas pesquisas. E você tem que terminar o campo enquanto você tem o dinheiro da bolsa, às vezes eu aproveitava a viagem de campo que Ariovaldo estava fazendo e a gente fazia esse campo juntos. Com isso, a gente conseguiu rodar Mato Grosso. Conhecer assim vários pontos do Mato Grosso. Tem cidades, hoje, no Mato Grosso que a gente

---

<sup>22</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

viu nascendo, como por exemplo, Campos de Julio, no Norte mato-grossense a gente viu as primeiras casas de tábua.

São registros do povoamento dessas áreas pelos sulistas – como diziam na região - período que ficou conhecido como a gauchização do Cerrado. Por exemplo, a família Maggi, que se destaca na política mato-grossense, ocupando a Chapada dos Parecis, com grandes fazendas produtoras de soja, e criando as cidades por lá. Esse também foi um período de grandes conflitos de terras, inclusive de grilagem e expropriação de população indígena e posseiros. Fazer pesquisa nesse período era colocar o pé no barro, porque no Mato Grosso se chegava pela estrada e, por vezes, ela estava inundada e você atolava. Tinha que esperar um trator se deslocar da área rural pra vir te tirar. Então era meio imprevisível, mas a gente tinha que ter um veículo local e, por muitas vezes, algumas coisas eram feitas por barco, por transporte nos rios até chegar nas populações locais. Essa região que a gente percorreu tinha muita estrada ainda, embora de terra, mas a gente conseguia chegar e ter acesso a essas áreas.

E, no doutorado, continuei trabalhando com a população rural na linha da antropologia rural e com a orientação da Profa. Margarida Moura, como uma continuidade desses trabalhos, porque, como pesquisadora, ela tem trabalhos importantes na área de parentesco e herança de terras. Margarida Moura tem livros diretamente ligados a essa temática e é uma pessoa que trabalha muito com esse tema e que me interessava, tanto ela como a Ellen Woortmann<sup>23</sup> trabalham muito com essa questão do parentesco, dentro das sociedades rurais e isso me direcionou a estudar a história do campesinato brasileiro.

**Entrevistadora:** *Quando estive como aluna, da graduação em geografia da UNESP-RC, era muito comum escutar que a senhora era a “Bernadete dos Xavantes” [risos]. Como a senhora chegou ao povo Xavante?*

**Bernadete de Castro:** Eu fui ter acesso ao povo Xavante a partir do final dos anos 90 a população A’uwe Xavante de Sangradouro/Volta Grande e São Marcos, no leste mato-grossense, cuja cultura se caracterizava como povos do cerrado.

---

<sup>23</sup> Historiadora, antropóloga e Professora aposentada no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

Alguns estudantes Xavante aqui em São Paulo, procuravam a Universidade (USP) para fazerem trabalhos nas TIs<sup>24</sup>, para estudarem e para terem um certo apoio em suas reivindicações. E, através do Ariovaldo, no Departamento de Geografia da USP, tivemos contato com essa Associação Xavante que solicitou que fizéssemos um estudo nesses territórios. Praticamente para discutirmos com eles a questão dos limites, a questão de certas práticas em termos de preservação do cerrado. Fomos então para a região de Primavera do Leste no Mato Grosso para fazer os levantamentos e estudos com uma equipe multidisciplinar que era composta por geógrafos, biólogos, antropólogos e profissionais da saúde.

Por volta de 2000/2001 também participei do EIA/RIMA<sup>25</sup> sobre o Rodoanel em São Paulo trecho Sul. Quando eu fui consultar os antigos relatos da parte norte do projeto que já estavam preparados e a obra estava entregue, eu percebi que na verdade não se citava a área indígena. E, nesse sentido, eu comecei um debate muito grande dentro da empresa que foi contratada para os trabalhos. Fiz um questionamento sobre a necessidade de resguardar as áreas de Proteção Ambiental e principalmente Terra indígena. Foi necessário a intervenção do Ministério Público que, nesse período, estava bastante preocupado por conta dessa expansão urbana e do impacto nessas áreas. E aí sim, o Ministério Público exigiu que se incluísse no relatório e que se fizesse um “TAC”, isto é, um termo de ajustamento de conduta com as áreas do Sul de Parelheiros e as aldeias do Jaraguá<sup>26</sup> para que eles fizessem parte do EIA/RIMA e tivessem ressarcimento.

**Entrevistadora:** *Foi nesse período que a senhora também começou as suas leituras basilares de Darcy Ribeiro<sup>27</sup>?*

**Bernadete de Castro:** Não, a gente já tinha estudado algumas obras de Darcy durante a graduação – cultura e formação do povo brasileiro. Uma primeira experiência foi procurando entender movimentos sociais urbanos. Um grupo de estudo e de trabalho na época, durante o período ainda que eu estava terminando

---

<sup>24</sup> Terras Indígenas.

<sup>25</sup> Se refere a uma sigla para o Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental.

<sup>26</sup> As aldeias do povo guarani em questão são: *Tekoa Ytu* e a *Tekoa Pyau*.

<sup>27</sup> Foi um antropólogo, educador e político brasileiro. Foi considerado um dos grandes intelectuais na construção do pensamento social brasileiro e latino-americano.

a graduação junto com a professora Arlete Moysés<sup>28</sup>, que fazia pós-graduação na geografia da USP. Trabalhávamos, nesse grupo, com a questão Urbana e os movimentos urbanos, e foi quando a gente começou a debater os movimentos urbanos em Osasco.

Sempre tive interesse voltado para o estudo dos movimentos sociais e a década de 80 foi muito significativa para mim. Participei de encontros realizados por trabalhadores desempregados e migrantes em Sumaré, cujo objetivo era mobilizar esforços para conseguirem outras formas de sobrevivência. E foi exatamente nesse período que muitas famílias se organizaram em torno do debate sobre reforma agrária e ocupação de terras ociosas no estado de São Paulo. E foi justamente, esses grupos de Sumaré se mobilizaram para fazer ocupações no Pontal do Paranapanema. Esse processo desencadeia ocupações de terra no estado, o que vai consolidando a formação do MST em São Paulo. A partir de 1994 comecei a participar de cursos de formação do MST em parceria com universidades – o curso Realidade Brasileira – onde passei a debater a formação cultural do povo brasileiro, a partir do pensamento crítico de Darcy Ribeiro.

**Entrevistadora:** *Já que a senhora comentou do MST, queria adentrar em outro movimento importante ambiental que a senhora conheceu e participou e que foi com o ambientalista Chico Mendes<sup>29</sup>, a União dos Povos da Floresta. Como foram suas experiências e vivências nesse movimento?*

**Bernadete de Castro:** Na época, no início dos anos 80, eu participava de um grupo de trabalho juntamente com o geógrafo Carlos Walter Porto-Gonçalves<sup>30</sup>, Maurício Waldman<sup>31</sup> das ciências sociais e Bernardo Mançano<sup>32</sup>, na época orientando do Ariovaldo U. de Oliveira. A discussão era sobre a questão ambiental e a Amazônia. A União dos Povos da Floresta já tinha tido um passado

---

<sup>28</sup> Geógrafa e Professora livre docente do Departamento de Sociologia e do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Campinas.

<sup>29</sup> Foi um ambientalista, seringueiro e símbolo da luta pela preservação da Floresta Amazônica.

<sup>30</sup> Geógrafo e Professor Titular no Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense.

<sup>31</sup> Geógrafo, editor, pesquisador acadêmico e consultor na área ambiental.

<sup>32</sup> Geógrafo e Professor livre-docente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista, campus de Presidente Prudente

constituído, no período militar, com o próprio Ailton Krenak<sup>33</sup>. Isso foi um outro período, eu peguei um período posterior, que foi quando conhecemos o Chico Mendes. E o Chico Mendes vinha para São Paulo, dava palestra na USP, e ficava em contato conosco e por estar sendo perseguido, muitas vezes, ele ficou em nossa casa por uma questão de proteção. Na verdade, todas essas vivências são parte do nosso “currículo oculto”, que contribui para nossa formação. Então, esse currículo oculto é construído na práxis, não na teoria.

**Entrevistadora:** *Queria retornar um pouco para os anos de 1980, em que a senhora foi para Rio Claro e desenvolveu algumas atividades, como foi esse período?*

**Bernadete de Castro:** No ano de 1980 que nós nos mudamos para Rio Claro. Papai já tinha falecido, mas a mamãe foi conosco, o meu companheiro da época, o Ariovaldo e a minha filha Úrsula também e depois teve o nascimento do meu filho Emiliano em 1981 e se juntou conosco a minha irmã que estava concluindo seus estudos em Física na UNESP<sup>34</sup> de Rio Claro e isso proporcionou juntar a família toda lá nesse período de 1980 a 1981. E fomos porque o professor Antônio Olívio Ceron<sup>35</sup> convidou o Ariovaldo pra dar aulas de geografia agrária, e com isso, ficamos dois anos em Rio Claro. Nesse período, ainda estava afastada, não tinha entrado na pós, com isso, pedi transferência como professora da rede estadual de ensino de São Paulo para Rio Claro e, assim, conseguindo aulas no estado no colégio Indaiá, em Rio Claro, onde lecionei pelos dois anos seguintes. Também foi nesse período que comecei a estudar um pouco e me entrosar com a história de Rio Claro. Foi nessa época que através da escola Semente, onde minha filha estudou, tinha o Milton Machado Luz<sup>36</sup> e a Maria Teresa de Arruda<sup>37</sup>, como diretores da escola, e também conhecemos Olga Salomão<sup>38</sup>. Foi a partir daí, justamente, nesse momento, com grupo de ferroviários e outros trabalhadores,

---

<sup>33</sup> É um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro.

<sup>34</sup> Universidade Estadual Paulista.

<sup>35</sup> Geógrafo e Professor Titular aposentado do antigo Departamento de Planejamento Regional da Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro.

<sup>36</sup> Historiador.

<sup>37</sup> Psicóloga e foi superintendente (2009-2016) do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro.

<sup>38</sup> Assistente social e foi vice-prefeita de Rio Claro de 2008-2016, pelo partido dos trabalhadores.

nos organizamos e fundamos o PT<sup>39</sup> em Rio Claro. Tivemos por exemplo, o privilégio da presença do Lula<sup>40</sup>, do Djalma Bom<sup>41</sup> do Sindicato dos Metalúrgicos e do Alemão<sup>42</sup>, que eram pessoas importantes naquela época no movimento sindical.

Nesse momento, foi quando comecei a me aproximar cada vez mais de colegas de Rio Claro. Foi um dos primeiros contatos que eu tive com a importância da história de Rio Claro e, principalmente, da história natural e depois com a história social da cidade. Por essas e outras que eu acho que eu tenho assim uma ligação com o Rio Claro que vai e volta no tempo [risos], por isso que ainda estou lá.

**Entrevistadora:** *E como que a senhora, posteriormente a esse período dos anos 80, retornou a geografia da UNESP de Rio Claro?*

**Bernadete de Castro:** Eu estava terminando meu doutorado em 1998 quando tive uma aproximação com o professor Silvio Carlos Bray<sup>43</sup>, que na época era diretor do IGCE<sup>44</sup>. Conversando com ele na USP, ele disse que estavam precisando de professor substituto de antropologia no curso de Geografia na UNESP de Rio Claro. Então comentou se eu não queria me inscrever para essa seleção, através de análise do currículo, para dar aula de antropologia para a geografia. Fiquei 2 anos - foi em 1998 e era, na verdade, um contrato temporário muito curto, porque você não podia deixar caracterizar vínculo empregatício longo e passar de 11 meses, então eram praticamente um semestre em 1998, um semestre em 1999. Em 2001, e eu prestei o concurso aberto para essa vaga e entrei na UNESP de Rio Claro em 8 de março de 2002.

---

<sup>39</sup> Partido dos Trabalhadores.

<sup>40</sup> Atual presidente do Brasil, ex-metalúrgico, ex-sindicalista e foi presidente do Brasil de 2003 a 2011.

<sup>41</sup> Sindicalista e político brasileiro, foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores.

<sup>42</sup> Enilson Simões de Moura, sindicalista e foi um dos fundadores da Central Única dos Trabalhadores e do Partido dos Trabalhadores.

<sup>43</sup> Geógrafo e Professor Titular aposentado do antigo Departamento de Geografia da Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro e foi Diretor do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (UNESP-RC) no período de 1997-2001.

<sup>44</sup> Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus Rio Claro.

**Entrevistadora:** *E como foi a experiência de trabalhar em um departamento de geografia? Digo, haviam outros pesquisadores que antecederam a senhora que não eram geógrafos e como é que essa questão histórica de não geógrafos nos departamentos ligados a Geografia de Rio Claro?*

**Bernadete de Castro:** Pois é, eu tive a oportunidade de ir para Rio Claro no período em que tinha ainda alguns professores que atuavam no departamento e não eram geógrafos, como o professor Elson Luciano Silva Pires<sup>45</sup> que é economista e ele estava como chefe do DEPLAN<sup>46</sup> nesse período quando eu entrei. E, então, foi uma coisa bastante gratificante, porque lá eu fui encontrar, - além do já citado Prof. Elson -, o Pompeu Figueiredo de Carvalho<sup>47</sup> que era arquiteto, e a Maria Isabel Castreghini<sup>48</sup> que é engenheira cartógrafa e eu na área de antropologia e Sociologia.

**Entrevistadora:** *Essa cadeira de antropologia ligada a Geografia da UNESP RC deve ter uma história, certo? Com isso, queria que a senhora comentasse um pouco desse histórico dos antropólogos que estiveram presentes na UNESP de RC.*

**Bernadete de Castro:** Na verdade, essa cadeira vem da antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro e tinha uma grande importância essa área das ciências humanas, então, essa cadeira de antropologia, vem como remanescente da antiga atuação dos professores Fernando Altenfelder Silva<sup>49</sup> e do professor Tom Oliver Miller<sup>50</sup> que foram antropólogos bastante reconhecidos no campo da antropologia e na arqueologia brasileira. Os trabalhos deles tinham reconhecimento internacional, principalmente, entre os anos de 1960 e final dos

---

<sup>45</sup> Economista e Professor Titular aposentado no antigo Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento da Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro.

<sup>46</sup> Antigo Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento da Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro.

<sup>47</sup> Foi um arquiteto e Professor livre-docente pelo antigo Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento da Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro.

<sup>48</sup> Engenheira cartógrafa e Professora aposentada pelo antigo Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento da Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro.

<sup>49</sup> Foi um antropólogo, arqueólogo, pesquisador e professor universitário brasileiro. É considerado um dos pioneiros na pesquisa arqueológica e etnográfica no Brasil.

<sup>50</sup> Foi um antropólogo e arqueólogo brasileiro naturalizado, que foi professor universitário no Brasil e é considerado um dos percussores do campo da etnoarqueologia no Brasil.

anos de 1980. Eu queria também lembrar da importância que teve a própria Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro, muitos nomes importantes da área de ciências sociais passaram por lá. Alguns nomes não só como professor Wilson Jacomini<sup>51</sup>, como professor Silvio Bray e, principalmente, colegas que eu não cheguei a trabalhar, como a Jeanne Berrance de Castro<sup>52</sup>, que tinha contatos com pesquisadores internacionais para fazer pesquisa em Rio Claro, como o pesquisador Warren Dean<sup>53</sup>.

Por exemplo, foi nessa época então, que o historiador estadunidense Warren Dean esteve pesquisando sobre Rio Claro; Jeanne Berrance pesquisadora sobre história do Brasil; e a arqueóloga Maria Beltrão<sup>54</sup> fazendo levantamento arqueológicos na região. A professora Livia de Oliveira<sup>55</sup>, também com reconhecimento internacional marcou a UNESP de Rio Claro. Warren Dean veio fazer todo esse trabalho de levantamento em Rio Claro, cujo livro “*Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*”<sup>56</sup> é um clássico das ciências sociais brasileira. Tudo isso foi me motivando cada vez mais a compreender mais a história local do município.

**Entrevistadora:** *Quando a senhora entra, como professora concursada, acaba para além da geografia, lecionando na engenharia ambiental e na ecologia. Nesse sentido, eu queria que a senhora falasse um pouco sobre esse olhar multidisciplinar que a senhora buscou para lecionar nesses três cursos.*

**Bernadete de Castro:** Depois de alguns anos que já estava no DEPLAN, em 2004, eu fui convidada pela professora Iandara Alves<sup>57</sup>, - na época coordenadora da pós-graduação em Geografia da UNESP Rio Claro -, a fazer a minha

---

<sup>51</sup> Antropólogo e professor aposentado pelo antigo Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento da Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro.

<sup>52</sup> Foi uma historiadora e Professora na antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro.

<sup>53</sup> Foi um historiador estadunidense, pesquisador acadêmico e brasilianista.

<sup>54</sup> Arqueóloga e Professora Titular pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>55</sup> Foi uma geógrafa e Professora Emérita pela Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro.

<sup>56</sup> Disponível em: Acesso em: <https://encr.pw/livro-warren-dean>. 10 de jun. de 2023.

<sup>57</sup> Geógrafa, fez parte do projeto Radam/Brasil e é Professora aposentada pelo antigo Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento da Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro.

documentação e apresentar para ingressar na pós-graduação. Ela, a professora Iandara, que é uma pessoa extremamente dinâmica, uma pessoa assim, multidisciplinar, - na perspectiva acadêmica -, me convidou para apresentar a documentação e passar no conselho para integrar a pós graduação. E também tem a questão da Professora Liliana Garcia<sup>58</sup>, que ela se aposenta logo depois da minha chegada, tanto que eu começo a lecionar antropologia e história para a geografia. E depois, num certo período, quando foi criado o curso de engenharia ambiental, o diretor do IGCE da época, o professor Antônio Pião<sup>59</sup>, chegou um dia no departamento e disse - olha aqui está a grade curricular para vocês aprovarem. E eu estava dentro da secretaria, nesse mesmo momento, e ele olha pra mim e disse - então essa disciplina é sua [risos] - que era a parte de cultura e desenvolvimento na engenharia ambiental. E foi uma experiência muito interessante, porque são alunos diferentes, com outros objetivos e isso foi sempre me trazendo uma soma, que contribuiu com minha carreira, no sentido de você abrir um olhar multidisciplinar. Para não ter um olhar tão fechado tão direcionado, eu diria assim, de caminho único. E, em relação a Ecologia, a professora Maria Inez Pagani<sup>60</sup> veio me procurar, porque os alunos da ecologia iam fazer a disciplina de antropologia na geografia. Aí a professora [Maria Inez] veio me procurar para colocar a disciplina de Antropologia como obrigatória nas séries iniciais da ecologia.

**Entrevistadora:** *Pra além da sala de aula, a senhora durante sua presença na UNESP Rio Claro desenvolveu diversos projetos de extensão, queria que a Sra. comentasse sobre eles.*

**Bernadete de Castro:** Bom, com relação à extensão – desde o início que eu trabalhava na graduação e depois na pós, a partir de 2004 –, eu sempre tive uma preocupação e uma vontade de ter essa ligação com a comunidade - de não ficar nos muros apenas fechados da Universidade, mas fazer esse intercâmbio. Então,

---

<sup>58</sup> Historiadora e Professora aposentada pelo antigo Departamento de Planejamento Territorial e Geoprocessamento da Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro.

<sup>59</sup> Estatístico e Professor pelo Departamento Estatística, Matemática Aplicada e Computação da Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro.

<sup>60</sup> Bióloga e Professora pelo Departamento de Ecologia da Universidade Estadual Paulista, campus Rio Claro.

eu comecei a participar de projetos de extensão da Unesp que conseguimos, inclusive com a Companhia Teatral Bumba meu Baco<sup>61</sup> que durou seis anos, na época até bolsa da prefeitura para colaborar com a extensão, porque justamente se fazia essa aproximação acadêmica saindo da universidade com o ensino, pesquisa e extensão, então isso era uma preocupação minha. Outro diferente projeto foi com o assentamento Elizabeth Teixeira, em Limeira, e eu tinha a companhia de alunos que me acompanhavam em pesquisas pra além dos muros universitários. Me recordo que o Bumba Meu Bacco teve dois coordenadores [na parte dos estudantes] que hoje estão na geografia como discentes na pós-graduação e era um projeto que englobava não só comunidade Universitária, como também a comunidade externa.

E a partir daí, eu fui conhecendo me integrando e como eu já tinha uma referência anterior de amigos e colegas em Rio Claro que estavam em várias entidades, órgãos, eu fui me aproximando também da comunidade negra de Rio Claro. E aí começou uma preocupação de procurar estudar a presença negra em Rio Claro, dada a importância da escravidão no município, motivada a partir do livro do Warren Dean. E, depois, aproximação com o Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro pesquisando documentos. Então isso a gente vai vendo que é um crescente que vai unindo de acordo com esse olhar multidisciplinar, a possibilidade de participar desses espaços; depois chegar à comunidade negra através da CONERC<sup>62</sup> e, por exemplo, realizar um projeto e estudo com os terreiros de umbanda em Rio Claro que desenvolvemos em 2018.

**Entrevistadora:** *Já que a senhora citou o Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, eu queria a senhora falasse um pouco sobre a importância de pesquisar pra além dos muros universitários em Rio Claro.*

**Bernadete de Castro:** Então foram dois momentos importantes – o primeiro, em 2008, em que eu conheci o professor Antônio Carlos Sarti<sup>63</sup> que na época

---

<sup>61</sup> Mais informações em: <https://bumbameubaco.webnode.com.br/>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

<sup>62</sup> Conselho Municipal da Comunidade Negra de Rio Claro.

<sup>63</sup> Turismólogo e Professor no curso de Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

estava iniciando seu doutorado na Geografia de Rio Claro, e aí a gente começou a discutir a importância do patrimônio cultural, especificamente arqueológico, de Rio Claro.

Nesse sentido, foi um dos motivos pelo qual, eu e o Professor Sarti, conseguimos contato com o professor Astolfo Araújo<sup>64</sup>, a professora Mercedes Okomura<sup>65</sup>, ambos do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e com a Universidade de Girona, através do professor Lluís Mundet y Cerdan, conseguirmos montar o LAPAT<sup>66</sup>. Foi um espaço dentro do departamento [DEPLAN] extremamente importante que, conseqüentemente, se desenvolveu até num convênio entre nós e a Universidade de Girona. O nosso objetivo com o LAPAT foi também resgatar a importância da arqueologia local e dos sítios trabalhados pelo Astolfo Araújo e pela Mercedes e essa visão do próprio Professor Carlos Antônio Carlos Sarti de retomarmos as pesquisas do professor Tom Miller e do Altenfelder, em que um dos objetivos específicos era, inclusive, fazer um centro de memória nas margens do rio Corumbataí. Hoje, nós temos uma proposta que é o Projeto do Geoparque Corumbataí<sup>67</sup>, entendeu? Então, é quase uma aproximação, do ponto de vista desse olhar multidisciplinar. Também organizamos um encontro da Sociedade Brasileira de Arqueologia Sudeste em 2011; fizemos um trabalho na escola municipal do distrito de Assistência [em Rio Claro] também com arqueologia na escola e, de lá para cá, esse projeto com a Universidade de Girona também trouxe o Professor visitante Lluís Mundet i Cerdan<sup>68</sup>, em 2014, para a UNESP-RC.

E a partir desse debate sobre patrimônio cultural a partir da arqueologia e da cultura local, que entra o meu segundo momento em participação na cidade – em que, em 2010, comecei a participar do Arquivo Público que na época tinha a Maria Teresa de Arruda Campos como superintendente. Com isso, o trabalho no

---

<sup>64</sup> Geólogo e arqueólogo, Professor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

<sup>65</sup> Bióloga e Professora pelo Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo.

<sup>66</sup> Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa em Patrimônio, Memória e Território.

<sup>67</sup> Mais informações em: <https://geoparkcorumbatai.com.br/>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

<sup>68</sup> Geógrafo espanhol e Professor Titular da Faculdade de Turismo da *Universitat* de Girona na Espanha.

Arquivo, foi se desenvolvendo justamente dentro dessas temáticas de memória, história local e de uma certa valorização da própria comunidade rio clarense em relação com a Universidade. É nesse sentido que eu me aproximo do Arquivo Público e a importância que esse arquivo tem como centro de documentação, um centro de memória para as pesquisas em Rio Claro. Então é essa aproximação que tento alinhar até hoje.

**Entrevistadora:** *Como foram as experiências de pesquisas da senhora no Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro?*

**Bernadete de Castro:** Nós começamos a trabalhar na perspectiva de estruturar um grupo de pesquisa no arquivo público, que se colocou na época de pesquisadores voluntários advindos de várias origens institucionais: da Claretianas, da Unicamp<sup>69</sup> e da própria Unesp Rio Claro. Nosso objetivo, a partir de 2010, era recuperar essa memória da história do negro em Rio Claro, mas não era só do negro, também da população local através das narrativas dos entrevistados - história oral. Foi feito, na época, uma proposta que foi o portal Memória Viva<sup>70</sup> que consta do site do arquivo público. Esse portal possui uma documentação através de entrevistas que gravamos sobre essa memória social, nessa história social da cidade que chamamos de Bate-papo Cultural. Há também a Conversa *griot*<sup>71</sup>, em 2012 até 2014. Em conjunto com a comunidade negra, o arquivo público e com a secretaria de educação organizamos um curso de formação sobre a Lei 10.639<sup>72</sup>, em que trabalhamos junto com as escolas e com os professores sobre como incluir no currículo oficial da rede de ensino a temática História e Cultura Afro-Brasileira, a partir da memória local da comunidade negra. Posteriormente, a capacitação da Lei 10.639 gerou como fruto um livro que também está disponível no Arquivo<sup>73</sup>.

---

<sup>69</sup> Universidade Estadual de Campinas.

<sup>70</sup> Mais informações em: <http://aphrioclaro.sp.gov.br/memoria-viva/>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

<sup>71</sup> Para alguns povos da África, os *griots* são aqueles que contam as histórias, narram os acontecimentos de um povo, passando as tradições para as gerações futuras.

<sup>72</sup> Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

<sup>73</sup> Disponível em: <https://acesse.one/roteiro-10639-livropdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

**Entrevistadora:** *Já que estamos conversando sobre patrimônio, memória e território, queria que a senhora comentasse do seu grupo de pesquisa do CNPq. Também queria que a senhora falasse sobre seus orientandos, tanto da graduação como da pós-graduação.*

**Bernadete de Castro:** Veja só, eu sou antropóloga e sou historiadora na minha formação. Com isso, eu sentia que eu não tinha que trazer, na verdade, alguma coisa para dentro da geografia que fosse trabalhar e mudar a própria Geografia, mas como é que a Antropologia poderia contribuir para essa visão da cultura no âmbito da Geografia. Sabe, eu nunca tive impedimento de fazer esses trabalhos nos departamentos, no IGCE. Claro, poderia ter alguma divergência de perspectivas, de opiniões, mas eu nunca tive impedimento nenhum em realizar esses trabalhos e eu acho que isso foi facilitando esse entrosamento. Esse grupo de pesquisa [Patrimônio, memória e território]<sup>74</sup> foi sendo criado, justamente, pela diversidade dos trabalhos dos alunos, que foi tomando forma esse diálogo interdisciplinar cada vez mais, desde quando eu entrei na UNESP.

É importante dizer que quando eu entrei na Geografia, eu ainda não conhecia e não trabalhava com geografia cultural. E aí quando eu comecei a ler, conhecer os trabalhos, pensei – olha que interessante, porque isso [a geografia cultural] abre um campo de investigação científica amplo. E foi nesse momento que eu convidei dois percursos da geografia cultural brasileira, o professor Roberto Lobato Corrêa<sup>75</sup> e a professora Zeny Rosendahl<sup>76</sup>, para ficarem dois dias com a gente em Rio Claro para apresentar a geografia cultural, ouvir e debater com os alunos. Então isso foi um marco que, na verdade, trouxe inclusive novos alunos nessa linha temática da geografia cultural. Foi onde eu pude, certamente, ficar mais confortável e dizendo - eu não estou fazendo só antropologia, porque eu não podia trabalhar a teoria antropológica para alunos da geografia, mas pensar o que a antropologia contribui na interpretação, por exemplo, do

---

<sup>74</sup> Mais informações em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/18583>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

<sup>75</sup> Geógrafo e Professor adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>76</sup> Geógrafa e Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

território, da natureza, natureza-cultura. Como é que seria possível fazer essa leitura multidisciplinar dos territórios, com isso, é um pouco nesse sentido que o meu trabalho se desenvolveu.

**Entrevistadora:** *E como é que a senhora era vista de fora? Ou seja, como os antropólogos enxergam o seu trabalho enquanto antropóloga na geografia?*

**Bernadete de Castro:** Então, na verdade é um pouco de estranhamento [risos]. Eu nunca tive impedimento dos meus trabalhos na própria Geografia, por isso eu gosto muito, inclusive de tudo que eu fiz. Se fosse necessário, eu faria tudo de novo. Talvez, seja por isso que eu não consigo me desligar muita da geografia [risos]. Eu sempre estou achando alguma coisa para fazer, - não é só na Geografia -, é o que eu encontrei em Rio Claro uma diversidade. No fundo... no fundo, o fato de estar com pessoas que trabalhavam campos diversos e correlatos a própria geografia, como é o caso do IGCE, isso me ajudou - me ajudou a aprofundar uma visão que pudesse implementar, não só eu mesma como antropóloga, mas contribuir para o ensino da geografia. E eu acho que isso não só foi do ponto de vista utilitário, mas também criou espaço bastante grande para meu trabalho ser reconhecido. Inclusive reconhecer o trabalho dentro da pós-graduação. A qual é uma pós-graduação que trabalha com linhas como a geografia econômica, a geografia agrária, com a parte das geotecnologias, ensino de geografia e conseguimos criar um espaço de interlocução e isso foi muito importante. Muitas vezes, eu acho que não só essa questão muito fechada dentro das disciplinas e que são redutos, às vezes, impenetráveis que causam certo estranhamento. Não sei como me viam dentro da geografia de Rio Claro, mas como eu nunca tive impedimentos, esse diálogo foi sempre muito aberto, e acho isso muito positivo.

Agora, alguns colegas da antropologia, em alguns eventos, chegavam a me questionar- mas o que é que você faz na geografia? E eu comentava - eu aprendo muita coisa com a geografia em diálogo com a antropologia. Isso era uma coisa que às vezes eles não conseguiam compreender qual era o meu campo, com isso, ao invés de fechar a visão, contribuía muito mais para ampliar meu campo de investigação.

**Entrevistadora:** *Como que a senhora observa e analisa as mudanças curriculares que vem ocorrendo no ensino básico – com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como também no curso superior de geografia da UNESP de Rio Claro?*

**Bernadete de Castro:** Eu vou falar da Universidade para depois falar um pouco do ensino básico, porque a Universidade não pode estar alheia a formação de professores. Eu sempre brinquei, dentro da geografia de Rio Claro, quando eu começava minhas aulas, porque sempre houve uma diferença no currículo da geografia e eu acho que isso era mais a visão de alguns professores, - mas não de todos -, em que você tinha que ter um curso chamado de integral e o outro, que seria o ligado à formação do professor, que seria a parte da licenciatura em geografia. Então, eu sempre brincava com os alunos – olha, eu não posso chamar vocês de turma do curso integral, porque o outro não é desnatado [risos]. E tudo isso dava essa impressão que você tira conteúdo de um, para pôr e deixar na formação dos professores uma coisa menor. Este é um erro principal que vai refletir no ensino básico. É um erro principal, porque o professor tem que saber tanto quanto o especialista, porque afinal ele é um especialista da educação. Ele é um especialista da formação básica. E aí eu ligo com essa questão do Ensino Básico, - isso acontece em vários locais não só na geografia de Rio Claro - que você minimiza o currículo da licenciatura.

Então, eu vejo que essa redução esse tornar desnatado o ensino e o outro integral no ensino da geografia é que tem refletido no ensino básico. Nessa de você tornar uma certa fraqueza [a licenciatura], você enfraquece a história e a geografia que, hoje, vai sumindo dos currículos do Ensino Fundamental e Médio, porque se a gente tivesse força, ela não sumiria. Só que a gente perde a força lá na universidade na formação do professor, com isso, você não tem como barrar aqui na formação inicial.

Por exemplo, uma coisa que eu lembro que na época quando ainda estudava na USP, se fazia barreira para qualquer mudança curricular que era feita e acho que isso precisa ser retomado porque precisa ser repensado. Eu creio que não é só na formação do geógrafo, mas eu colocaria de todos. Atualmente, eu participo e aprendo com um grupo de arqueólogos, antropólogos, museólogos e

que possuem uma grande preocupação nessa formação que é trazer a filosofia para discutir. Você pensa na filosofia que é o que fundamenta, o que dá base, na formação do próprio professor e, por consequência, você reduz, criando exatamente essa fragilidade do ensino básico. Eu não dissociaria essa fragilidade de hoje no ensino básico da formação na Universidade. Eu acho que as coisas estão ligadas e se existem fragilidades, é porque nós deixamos de reforçar os nossos compromissos sociais e políticos na universidade. A tecnologia precisa existir, mas não precisa banir a filosofia.

**Entrevistadora:** *Aproveitando que a senhora falou dessa questão de pensar em educação desde a base, eu queria que a senhora comentasse um pouco sobre sua atuação na escola Florestan Fernandes do MST.*

**Bernadete de Castro:** Na verdade, o trabalho com o movimento [o MST] tem sido um trabalho de formação que se chama “realidade brasileira” e é um curso de especialização. E, nele, a gente sempre trabalha com a formação de várias áreas profissionais - desde o educador ambiental, geógrafo, direito, historiadores e até outros profissionais e, nesse sentido, esse curso de especialização são parcerias que o MST faz com as Universidades. E, por exemplo, a gente vê que nas próprias escolas do MST, como a escola Florestan Fernandes – e nos próprios assentamentos – que se há dois lugares específicos que eles formam ao estarem em uma terra: é a cozinha [agricultura familiar] e a escola. Porque a escola é na verdade essa continuidade, do núcleo da própria família, dos ideais do próprio movimento e aqui eu estou falando família no seu sentido extenso, qualquer que seja ela. Não só falaria da escola Florestan Fernandes, mas a escola indígena – ela tem como base preceitos de formação cultural, de formação identitária, valorizar a ancestralidade.

Então, um aluno que só aprende a tecnologia pela tecnologia, ele vai ser uma vítima de uma multinacional ou de uma empresa que só vai mandá-lo apertar um botão, aí ele vai ser desclassificado perante a competitividade dos outros, porque se a gente pensar que a educação só deve preparar a mão de obra, acabamos caindo num poço e num poço bastante fundo. Do qual, na verdade, vai trazer para o aluno não o raciocínio; se a gente tira a filosofia, tira o sustentáculo

da formação crítica. Aliás, inclusive, ele vai ser um operário banal. Um operário comum. Me desculpe, mas aí a inteligência artificial pode fazer por ele, não precisa gastar tanto com o estudante.

**Entrevistadora:** *Professora, para finalizar a nossa conversa, como a senhora enxerga e pensa o Brasil hoje, a médio e a longo prazo?*

**Bernadete de Castro:** Bom, eu começaria a longo prazo, não sabemos, depende das nossas forças. A médio prazo, eu tenho um pouco de receio. A gente vai precisar trabalhar muito, porque as forças conservadoras, nesse determinado momento no Brasil e no mundo, tiveram um certo arrefecimento e se tornaram poderosas usando a tecnologia. Veja, a tecnologia serve para o bem e serve para o mal; se está usando a tecnologia para manipular as pessoas, o que foi e que é um desperdício, estão aí as *fakes news*. E todo esse trabalho que a gente está tendo com a educação, e sinto que na verdade o Brasil, ele está um pouco à deriva, como outros países, com relação a ascensão, eu diria, dessa força reacionária da extrema direita e que tem uma ligação com negacionismo. De maneira geral, inclusive em muitos países, tem uma ligação com negacionismo. E tem um fundamento muito interessante, porque é uma competição, essa extrema direita competitiva que instala a violência e que quer conquistar pela violência, pela exclusão do outro, é uma extrema direita que quer matar para conseguir viver.

E isso é uma ameaça que ainda temos, haja visto aí os casos de violência e mortandade que a gente tem e vem avançando em escolas. É uma coisa organizada, isso não é só um acontecimento, é uma coisa organizada. E aí vem uma questão não só o uso da tecnologia, mas a necessidade do ser humano que cai em uma rede de não conseguir enxergar a si mesmo. Veja, ele precisa se colocar na internet, ele precisa se colocar em vários grupos na internet e nas mídias sociais pra conseguir se integrar. É uma perda. É uma perda, inclusive, dessa própria firmeza de quem ele é. É até uma questão eu diria transcendental [risos], dele não conseguir se encontrar. Então, ele apela às armas, apela a uma série de coisas que ao invés de fortalecer, enfraquece. Às vezes, chamo que a gente tá vivendo um período “de gerações de vida curta”.

Há uma outra questão no Brasil de hoje, eu vejo assim, às duras penas, a gente está tentando reconquistar aquilo que foi sendo construído nos governos anteriores do Lula e da Dilma<sup>77</sup> e que esta força reacionária, na verdade, deu um corte. Um corte, porque teve apoio não só institucional, como um apoio e interesse da própria população. Isto é, quanto mais desorganizado melhor para conseguir fazer as coisas à revelia das leis. Quando você quer bloquear, destruir instituições, o que que você quer fazer? Você quer destruir os direitos da pessoa. Então tudo isso, é uma coisa que tem que ser extirpada. Isso tem que ser extirpado, principalmente, quando se fala do conhecimento,

Não é uma caminhada que será fácil, politicamente falando, mas eu acho que o Brasil está conseguindo dialogar do ponto de vista geopolítico, pensando nas relações internacionais. Ele [Lula] está construindo alianças internacionais que têm interesse e tem contrapartida para colocar o Brasil no cenário mundial - seja no continente asiático, africano e, mesmo aqui, em nosso continente. Penso que isso está ainda não está no entendimento da população brasileira. As maiores barreiras para o nosso desenvolvimento estão aqui dentro do país. Existem coisas erradas que se precisam corrigir? Muitas, mas eu acho que a proposta atual, ela dá um pouco de força, de recuperar a dignidade, a cidadania e um tipo de formação humana que é necessário para você viver em sociedade. Por fim, eu acredito que temos que pensar também a partir das crianças, da formação dessas crianças da nova geração, como forma de esperança. Pra mim, a esperança existe, eu acho que o caminho são as crianças... a esperança nasce pequena!

**Entrevistadora:** *Muito obrigada, Professora Bernadete.*

Recebido em 25 de julho de 2023  
Aceito em 23 de janeiro de 2024

---

<sup>77</sup> Economista e política brasileira. Foi presidenta do Brasil de 2011-2016. Atualmente é presidenta do Novo Banco de Desenvolvimento na China.